



A CENA COMO EXALTAÇÃO DA IDENTIDADE COMUNITÁRIA: a função poética e metodológica das *narrativas (auto)biográficas* na formação artístico-cultural

MATHEUS GIANNINI

Artista, professor da Educação Básica e pesquisador, com formação em Atuação Cênica pelo *El Timbal* (Barcelona), Giannini é doutorando em Artes Cênicas pelo PPGAC da UFBA, onde desenvolve pesquisa sob orientação da professora Dra. Eloisa Domenici, com a coorientação da professora Dra. Célida Salume. É Mestre pela UFRN e Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal Rural do Semiárido.

RESUMO

O artigo busca refletir sobre duas práticas pedagógicas voltadas ao ensino do Teatro, realizadas em escolas públicas do Rio Grande do Norte, compreendidas pela abordagem poética e metodológica denominada aqui de *narrativas (auto)biográficas*. Dentre os objetivos dessas práticas, destacam-se a valorização da cultura local, o reconhecimento da identidade local e a geração da sensação de pertencimento. O espetáculo *O Povo da Cobra* é destacado a partir de um exercício etnográfico (Severino, 2007), que visa coletar histórias sobre as origens do nome do povoado, com o intuito de preservar essas tradições na construção do projeto artístico-educacional. Já o espetáculo *A Rixa* utiliza elementos da cultura do duelo para desenvolver a dramaturgia e encenação, com a formação se dando também através do contato entre alunos/artistas e a comunidade. O estudo sobre essas experiências aqui relatadas foi baseado nos conceitos de Pollak (1989) e de Halbwachs (1990), que discutem a seletividade da memória para conciliar memórias individuais e coletivas, destacando a função poética na valorização cultural e na percepção do pertencimento comunitário, em diálogo com Paulo Freire (2015), que afirma que a transformação humana ocorre quando o educando aprende a ler o mundo, ou seja, quando há uma tomada de consciência do próprio contexto cultural. Assim, apesar das diferenças de temática e contexto, tanto o espetáculo *O Povo da Cobra* quanto *A Rixa* compartilham do compromisso com o resgate e a valorização da cultura local através das Artes Cênicas, utilizando a oralidade e a função poética e metodológica das *narrativas (auto)biográficas* na cena.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativas (auto)biográficas. Valorização Cultural. Práticas Pedagógicas. Ensino de Teatro. Poética.

ABSTRACT

*The article seeks to reflect on two pedagogical practices aimed at teaching theater, carried out in public schools in Rio Grande do Norte, using the poetic and methodological approach called (Auto)Biographical Narratives. Among the objectives of these practices are the valorization of local culture, the recognition of local identity and the generation of a sense of belonging. The show *O Povo da Cobra* is based on an ethnographic exercise (Severino, 2007), which aims to collect stories about the origins of the village's name, in order to preserve these traditions in the construction of the artistic-educational project. The show *A Rixa* uses elements of the duel culture to develop the dramaturgy and staging, and training also takes place through contact between students/artists and the community. The study of these experiences reported here was based on the concepts of Pollak (1989) and Halbwachs (1990), who discuss the selectivity of memory to reconcile individual and collective memories, highlighting the poetic function in cultural valorization and the perception of community belonging, in dialogue with Paulo Freire (2015), who states that human transformation occurs when the student learns to read the world, in other words, when there is an awareness of their own cultural context. Thus, despite the differences in theme and context, both the show *O Povo da Cobra* and *A Rixa* share a commitment to rescuing and valuing local culture through the Performing Arts, using orality and the poetic and methodological function of (Auto)Biographical Narratives on stage.*

KEYWORDS:

(Auto)Biographical Narratives. Cultural Valorization. Pedagogical Practices. Theatre teaching. Poetics.



VALORIZAÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DO ENSINO DO TEATRO

O estudo busca refletir sobre duas práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Teatro que foram realizadas em escolas públicas do Rio Grande do Norte, analisadas a partir da perspectiva poética e metodológica aqui denominada como *narrativas (auto)biográficas*. Esta perspectiva, voltada a fundamentar as investigações que sustentam as experimentações cênicas, se delineou ao longo da minha experiência como professor, encenador e diretor, fruto de reflexões decorrentes dessas vivências e dos seus processos criativos.

O objetivo das práticas, aqui relatadas, além da difusão da arte como campo do conhecimento, por meio de exercícios e experimentações com o Teatro/Educação, foi o de promover entre os educandos partícipes a valorização da cultura local, gerando o reconhecimento da identidade local e a sensação de pertencimento comunitário.

Os espetáculos resultantes das práticas aqui apresentadas, *O Povo da Cobra*¹ (2019) e *A Rixa*² (2017), tiveram sua criação estimulada com o intuito de participar do FESTUERN³. Em seus respectivos anos, revelam pontos em comum ao celebrarem a Cultura Popular e as tradições locais, com foco na oralidade. Ambos envolvem uma participação ativa da comunidade em torno das escolas envolvidas, pois foi incentivado nos processos criativos o diálogo entre estudantes e integrantes da comunidade da qual fazem parte. Muito embora os espetáculos mencionados estejam contextualizados em realidades e temáticas distintas, no que se refere à representação dessas identidades culturais, destaca-se, por exemplo, o Pastoril como fonte referencial e elemento comum às duas experiências inter cruzadas.

Na concepção do espetáculo *O Povo da Cobra*⁴, meu objetivo foi o de fortalecer o senso de pertencimento comunitário por meio da exaltação da origem do povoado Santo Antônio do Rio

1 Espetáculo do Grupo de Teatro Sonhos da Escola Estadual Manoel Noberto (EEMN), Escola de Educação do Campo da comunidade do povoado Santo Antônio do Rio Cobra, que está relacionado à cidade de Parelhas-RN.

2 Espetáculo do Grupo Xique-Xique Mossoró da Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho, que aborda rivalidades e duelos, como elementos culturais da cidade de Mossoró-RN.

3 Festival de Teatro Universitário do Rio Grande do Norte, que é promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) que é voltado para o estímulo da prática teatral nas escolas públicas, proporcionando um espaço de troca cultural e artística entre estudantes e professores. Consequentemente, valorizando a educação por meio das artes cênicas, incentivando a criação de espetáculos teatrais como uma ferramenta pedagógica.

4 Processo colaborativo sob a minha direção, com um elenco composto por Maria Helena, Camilla Dantas, Maria Cecília, Sara Heloísa, Estfany Dantas e



Cobra, que fica no município de Parelhas-RN, dialogando com elementos da cultura local que compõem a identidade cultural do povoado e da região.

É relevante destacar que a instituição educacional implicada na experiência, Escola Estadual Manoel Noberto, possui para mim um valor afetivo significativo não apenas por ser ex-aluno da instituição e atual professor de Artes, mas também por ter sido o lar da minha avó Delfina por muitos anos, onde ela atuou como professora e como diretora, assim como o meu pai.

Meu interesse em realizar esta investigação surgiu também por eu ser “Cobreiro⁵”, membro da comunidade, e perceber que há diversos elementos históricos e culturais que atravessam a população do Povoado da Cobra, muitas vezes negligenciados ou ignorados por serem transmitidos apenas oralmente. Assim, juntamente com seis integrantes adolescentes, meninas de 12 a 14 anos, do Grupo de Teatro Sonhos, iniciamos a investigação sobre a origem do nome do povoado, em consonância com ditados populares que definem o olhar da população sobre a própria comunidade, tais como “terra de DD (dois “dês”)⁶ ou quando indicam que tal pessoa “fala mais que homem da Cobra”⁷. Além disso, seria importante enaltecer na dinâmica do espetáculo algo que é fundamental para a população: é lá, no povoado de Santo Antônio do Rio da Cobra, que acontece o maior carnaval rural do Brasil.

Para compreender melhor a forma de pensar dos moradores do povoado, podemos apresentar, como exemplo, o orgulho de ser “cobreiro”. De acordo com a norma padrão, seria correto chamar os nascidos no povoado com o adjetivo gentílico de “cobrenses” ou de “santantonenses da cobra”. No entanto, os próprios integrantes da população preferem se autodenominarem como “cobreiros”. Essa escolha, no entanto, associa a população com o nome popular de uma doença⁸, o que gera alguma rejeição por parte de pessoas de fora da comunidade. Em 2011, o blog Cobreando⁹ conduziu uma votação online para que os membros do povoado pudessem escolher como preferem ser chamados, e 85% dos participantes optaram pelo adjetivo “cobreiro”.

Assim, para aprofundar a pesquisa dramatúrgica do espetáculo, que intenciona abordar a realidade local, realizamos juntos um exercício etnográfico desenvolvendo entrevistas semi-estruturadas com 10 pessoas do povoado na tentativa de compreender melhor a cotidianidade da nossa terra e em busca de conteúdos referentes não só à origem do nome do lugar ou à naturalidade dos habitantes, mas, também, a narrativas que se perpetuaram na comunidade pela transmissão oral. Conforme Severino:

Débora Larissa. O projeto envolveu a criação coletiva do cenário, figurino, dramaturgia e produção pelo próprio grupo.

5 Pessoas que nascem ou vivem no povoado Santo Antônio da Cobra, em Parelhas, no Rio Grande do Norte.

6 Tem um ditado popular na região sobre as pessoas que nascem no povoado, a “terra de DD” (dois “dês”), que diz que “quem não é doido, é doutor”. O termo *doido*, inicialmente associado a questões genéticas, pois há muitos casos de casamentos entre primos que resultam em pessoas com problemas de saúde mental, traz uma visão capacitista que tem sido ressignificada aqui no nosso lugar. Para nós, “doido” refere-se a pessoas alegres que não deixam de se divertir, independentemente do que os outros possam pensar. Já o “doutor” refere-se ao fato de que muitos integrantes da população são muito inteligentes, frequentemente ocupando os primeiros lugares em concursos públicos.

7 É usado para descrever uma pessoa irreverente que fala com espontaneidade e sem vergonha de



A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhando com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência (Severino. 2007, p. 119).

Claro que todas as 10 pessoas que responderam ao questionário afirmaram que se reconhecem como “cobreiros”!

Do mesmo modo, para ajudar a desenvolver especificamente o processo de criação do espetáculo *A Rixa*¹⁰, foi feita uma investigação relacionada ao termo que serve de título ao trabalho artístico, palavra que significa estado de hostilidade entre pessoas, desacordo; querela, disputa, briga, discórdia. Ou seja, conflito prolongado entre pessoas, grupos ou famílias, caracterizados por animosidade duradoura, provocações recorrentes através de atos de agressão física, verbal ou psicológica entre pessoas individualmente ou membros de grupos que se opõem.

Na mesma perspectiva metodológica e poética, junto ao Grupo Xique-Xique Mossoró, ao observar as características das rixas frequentes, relacionadas à Cultura local e suas consequências negativas, como divisões, estado de violência e deterioração das relações sociais, o grupo de estudantes, composto por dezoitos jovens na faixa etária entre 16 e 20 anos, buscou em narrativas pessoais e comunitárias conteúdos para a encenação.

Além disso, o grupo pesquisou peças dramáticas que explorassem disputas similares às da comunidade. Dentre as obras pesquisadas, destacam-se *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare e *Bodas de Sangue*, de Federico García Lorca.

No entanto, evitaram abordar essas questões na encenação de *A Rixa* sob uma perspectiva eurocêntrica, reconhecendo que as realidades dos universos constituídos nas referidas peças estavam distanciadas da sua própria cultura.

Nesse sentido, os alunos/artistas começaram a incorporar no processo de criação elementos culturais da cidade de Mossoró nos nossos ensaios, incluindo questões políticas. Nesta cidade do Rio Grande do Norte (que fica aproximadamente a 240 Km do município de Parelhas e do povoado

se expressar, dando sua opinião, o que é uma característica dos moradores do povoado. Além disso, há outras suposições em outras regiões sobre sua origem, como o exemplo do homem que vendia um “elixir milagroso” com uma cobra no pescoço, falando muito para convencer as pessoas a comprar sem questionar a eficácia do produto.

8 A herpes zóster, conhecida popularmente como “cobreiro”, é uma enfermidade viral que se manifesta por meio de lesões na pele, dor, coceira e formigamentos. É causada pelo vírus varicela-zóster (VVZ), o mesmo que provoca a catapora.

9 O blog foi criado pela professora Vânia Dantas com o intuito de levar notícias e informações de forma mais descontraída sobre o nosso povoado para as pessoas que moravam fora, na época. <https://cobreando.blogspot.com/2011/06/enquete-diz-povo-da-cobra-e.html>

10 Processo colaborativo sob a minha direção, com um elenco composto por Natalia Félix, Mayara Dalliane, Katheleen Teixeira, Rianny Morais,



Santo Antônio do Rio Cobra), notadamente, as pessoas votam com base na cor do partido; não escolhem o candidato nas eleições, mas a “família” que está se candidatando e não necessariamente pelas propostas apresentadas durante a campanha.

Em uma atividade pedagógica relacionada ao processo de criação do espetáculo *A Rixa*, os alunos foram incentivados a resgatar no corpo os elementos culturais que vivenciaram, sem o uso da palavra, expressando-se apenas através dos movimentos. Uma das alunas começou a demonstrar disputas com alguns colegas, enquanto com outros ela absorvia os movimentos, como se estivesse estabelecendo uma identificação, um sentimento de pertencimento.

Durante a roda de conversa, que sempre ocorria após os laboratórios, a aluna/artista compartilhou que havia participado de um Pastoril em Mossoró, que envolvia um duelo entre o cordão azul e o cordão encarnado. Ela explicou que, na improvisação, ao ver um colega com a cor do seu cordão, reproduzia os mesmos movimentos; ao se deparar com alguém do cordão oposto, encenava o duelo corporalmente, assim como ocorre na política, em que disputas e alianças são formadas em torno de identidades e ideologias. A partir das *narrativas (auto)biográficas* dela, eu apresentei as minhas.

Minhas memórias estavam diretamente relacionadas ao povoado Santo Antônio do Rio Cobra, onde também existiam Pastoris nas décadas de 70, de 80 e de 90, quando as mulheres se reuniam nos seus cordões para arrecadar dinheiro para a paróquia, expressão cultural presente em vários outros lugares do Estado.

Com base nestas memórias (auto)biográficas que convergiram, a criação da visualidade do espetáculo *A Rixa*, o cenário assim como o figurino de cada família representada foram compostos por signos e cores que as diferenciam e se associam a outros elementos da cultura de duelos, como o Pastoril¹¹.

Anderson Silva, Eduarda Soares, Gabriel Dickson, Pedro Eurisgleique, Junior Torres, Luiza Ferreira, Maria José, Gabriel Rocha, Washington, Victoria Yasmim (in memoriam), Emilly Larissa, Edgardo e Marckson Nascimento. O projeto envolveu a criação coletiva do cenário, figurino, dramaturgia e produção pelo próprio grupo.

11 É uma expressão artística popular brasileira, que se consolidou como uma manifestação cultural típica que envolve danças, músicas, cantigas e representações espetaculares que retratam temas religiosos e populares durante a performance dos dois cordões (azul e encarnado).



IMAGEM 1

Na cena, um integrante de cada família rival tenta passar literalmente por cima da outra família na tentativa de acabar com *A Rixa*.
Fonte: Acervo pessoal

Na mesma perspectiva, o espetáculo *O Povo da Cobra* teve o pastoril representado por meio da dança e do teatro durante a cena. Os figurinos do Pastoril, conforme a Imagem 2, possuem elementos juninos, remetendo à *Quadrilha Espalha Brasa*¹². Esse grupo explorou um tema que confronta “estilização e tradição”, incluindo uma disputa entre a Quadrilha tradicional matuta e a Quadrilha estilizada, tentando determinar qual era a mais animada dentro das celebrações do São João. No final, refletiu-se sobre a disputa entre os cordões do Pastoril como uma competição cultural, demonstrando que tanto a Quadrilha quanto o Pastoril mostram que a competição não necessariamente sobrepõem uma à outra, pois ambas representam de forma vívida a cultura popular brasileira, expressões distintas a partir da sua própria poética.

¹² A Quadrilha estilizada do Povoado existiu de 2007 a 2010 e retornou em 2024.



IMAGEM 2

Compilado de fotos da cena do pastoril do espetáculo *Povo da Cobra*. Fonte: Acervo pessoal.

Na encenação do *Povo da Cobra*, as atrizes – enquanto vestiam as roupas das personagens do Pastoril – mencionavam por meio do diálogo os nomes de pessoas do Povoado da Cobra que dedicaram parte de suas vidas ao ensino de dança e teatro, como Gorete Caldas¹³ e Tonheca Dantas¹⁴. Através das falas das personagens, como “nós passamos três meses ensaiando com Gorete, nosso pastoril tá lindo”. Ou como a resposta do outro cordão: “E você não viu? O nosso, Tonheca fez toda a organização, tá perfeito”. Dessa forma, o espetáculo prestou uma homenagem em vida e reconheceu o legado cultural e educacional dessas personalidades na dramaturgia do espetáculo, que ainda utiliza características da disputa do Pastoril dentro do contexto da cena.

Eu, como pesquisador do campo das Artes Cênicas, me vejo como uma semente plantada e semeada por eles, membros do meu povoado. Reconheço aqui o papel de pessoas como Gorete Caldas e Tonheca Dantas como detentoras de saberes, com notório conhecimento nas áreas da atuação cênica. Mesmo sem formação acadêmica na área, eles trabalham voluntariamente nas produções artísticas e culturais do Povoado da Cobra há mais de 30 anos. Essa fala na cena do espetáculo foi uma forma de reconhecer, dentro da própria comunidade, suas referências na transmissão de saberes e celebrações de expressões populares locais.

13 Hoje professora aposentada, Gorete Caldas foi organizadora de diversos espetáculos de dança e teatro no Povoado de Cobra. Por mais de 30 anos, esteve à frente de apresentações realizadas na igreja local, nas celebrações das datas comemorativas da escola e nos eventos sociais do clube da comunidade. Até hoje, ela ajuda voluntariamente nas atividades artísticas e culturais.

14 Mais conhecido como Tonheca Dantas, Antônio Arésio Dantas foi ex-coordenador do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), um dos líderes da classe artística do povoado há mais de 30 anos, ajudando no desenvolvimento sociocultural e artístico da localidade, tendo sido um dos fundadores da quadrilha Espalha Brasa. Atualmente, é diretor do grupo de teatro Nossas Raízes.

Já a representação do Pastoril na peça *A Rixa* (Imagem 3) incorporou elementos culturais como os leilões que ocorrem nas festas de padroeiro ou juninas, frequentemente disputados para mostrar maior poder aquisitivo, e a embolada, comum de encontrar em feiras livres e bares de Mossoró, que trazem confrontos e hostilidades em um estilo de música nordestina conhecido por suas disputas entre emboladores com melodia rápida e ritmo animado. Esses duelos são ágeis e divertidos, abordando temas cotidianos locais, fazendo críticas sociais ou compartilhando histórias engraçadas. Entretanto, refletimos, ao longo dos ensaios, que, às vezes, colocam o adversário em situações delicadas e opressivas.

Após o grupo compartilhar suas *narrativas (auto) biográficas*, relacionadas a elementos culturais, começamos a ampliar as concepções do diálogo na encenação com base em experiências pessoais, familiares e comunitárias. Percebemos que o duelo frequentemente estimulava a violência, levando-nos a meditar sobre maneiras de identificar elementos culturais que pudessem resolver esses conflitos e promover transformações positivas.

Então, durante uma improvisação realizada com o grupo, surgiu a ideia de que a figura de Diana (persona originalmente do universo do Pastoril) poderia realizar cenicamente uma possibilidade de união entre os cordões historicamente rivais.

Há no Pastoril uma disputa dos cordões vermelho e azul; essa disputa é mediada pela Diana... A peculiaridade dos cordões é mostrar a brincadeira, fomentar um discurso de rivalidade através da música, receber aplausos do público e revidar de forma alegre a cançoneta cantada pela mestra ou contramestra. A Diana é a mediadora dos dois cordões, e, ao final das jornadas, ambos agradecem ao público, a Deus e encerram a brincadeira prometendo voltar para aquele determinado lugar (Vieira, 2010, p. 93).



IMAGEM 3

Compilado de fotos da cena pastoril espetáculo “A Rixa”.
Fonte: Acervo pessoal.



A solução cênica foi colocar em cena uma gravidez, fruto do amor entre integrantes das duas famílias adversárias. O nome da criança seria Diana, exaltando esse elemento cultural do Pastoril, que, na encenação, foi utilizado para transformar o duelo em aliança, ampliando a capacidade dos jovens de visualizarem a cultura por outro ângulo, passando literalmente por cima das rivalidades presentes na relação entre as duas famílias, conforme registrado pela Imagem 4.



IMAGEM 4

Cena final apresentando Diana e o fim da rixa.
Fonte: Acervo pessoal.



A FUNÇÃO POÉTICA E METODOLÓGICA DAS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

Conforme Paulo Freire (2015), a transformação humana ocorre quando o educando é capaz de “ler o mundo”, um processo que está ligado à conscientização do seu próprio contexto cultural. Essa compreensão demanda que o indivíduo reconheça as diversas relações nas quais está inserido, percebendo-se como um ser cultural que se relaciona dentro de uma pluralidade de culturas. Essa percepção crítica da realidade é fundamental, pois somente assim o educando poderá exercer sua liberdade e autonomia, permitindo-lhe interpretar o mundo de forma significativa. A partir desse entendimento, a reflexão sobre sua história se torna essencial para que as práticas de transformação humana possibilitem condições de ações sociais e culturais que visem à mudança e ao empoderamento.

O que pode e deve variar em função das condições históricas, em função do nível da percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo antidiálogo, pela loganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos de ‘domesticação’. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato dessa libertação é transformá-los em objetos que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra (Freire, 2015, p. 72).

Transformar a cultura é uma manobra até porque ela vai se transformando constantemente, por si só, nas relações dadas. Empregando na forma simbólica das memórias, dos casos corriqueiros, das festas que acontecem na cidade, nas idas aos espaços públicos como feira, participar de danças folclóricas como o pastoril, do papel da família em manter o poder que passa de geração em geração, ampliaram as discussões sobre os temas que apareceram nos processos montagens



com as contribuições das pessoas locais a fim de buscar um olhar mais abrangente e coletivo sobre a sociedade do lugar.

Nesse sentido, as narrativas autobiográficas contribuíram para experimentar a cultura local e da memória desde um campo micro, no que diz respeito às famílias dos alunos e suas histórias de vida e um macro campo, em que estão inseridas questões mais abrangentes, mas que também corroboram para afirmação da cultura e permitem refletir sobre a realidade, sobre a sociedade em que os sujeitos estão inseridos (Dantas, 2019, p. 73).

A primeira tentativa foi compreender a concepção da origem do local e do nome do povoado, que se deve à combinação de Santo Antônio, padroeiro local, e Rio Cobra, o nome do rio que atravessa a região. Há três versões sobre a origem do nome “Cobra” que intriga a população. Segundo a historiadora Maria de Fátima Medeiros, em entrevista feita para a presente pesquisa:

A primeira versão do nome Cobra vem do formato do rio que é de uma serpente com muitas curvas. A segunda que é sobre o ferro do gado de Manoel Noberto que era dono das terras do povoado e quando ferrava os bois nessa região com as iniciais do seu nome MN tinha a semelhança de uma cobra. E a terceira é a lenda do povo que vinha da Paraíba com rapadura, feijão, aí pararam no rio pra repousar e colocaram as cangalhas em um tronco pra descansar, pensava que era um tronco. E no dia seguinte as cangalhas estavam bem longe, porque não era um tronco era em cima de uma grande cobra.

Como professora de História do povoado, Maria de Fátima Medeiros foi responsável por disseminar essas versões da origem do nome “Cobra”, contribuindo para ampliar o conhecimento da população local sobre sua própria história. Isso foi evidenciado por meio de um projeto social liderado pelo advogado e poeta Adebald Ferreira Silva, em colaboração com o pintor Dedé Carnaúba, cujo objetivo era resgatar e preservar a história da comunidade. Na casa do poeta, as três representações das versões da origem do nome “Cobra” foram reproduzidas na parede, conforme pode ser observado na Imagem 5.



IMAGEM 5

Pintura com as três origens do nome do Povoado Cobra.
Fonte: Acervo pessoal.



Para representar no espetáculo as três versões da origem do nome “Cobra”, adotamos abordagens poéticas para estimular a imaginação do público. Na representação da lenda da cobra gigante, conforme a Imagem 6, utilizamos uma narrativa com suspense, permitindo aguçar o imaginário do espectador, descrevendo o ambiente ao redor do rio, onde os tropeiros paravam para descansar e tiveram suas cangalhas roubadas pela cobra.

Desse modo, a exploração das versões sugeridas associou o nome do lugar à geografia do rio que banha a região, conhecido por suas curvas sinuosas que se assemelham à forma de uma cobra. Para representar essa interpretação no contexto teatral, as atrizes utilizaram uma representação simbólica ao formarem uma escada humana (Imagem 7), simbolizando a serra próxima, e assim destacaram as dificuldades enfrentadas pelas pessoas ao tentarem alcançar vistas das serpenteantes curvas do Rio Cobra.

IMAGEM 6

Lenda da cobra gigante.
Fonte: Acervo pessoal.

Para retratar a prática de marcar os bois com as iniciais 'MN' de Manoel Noberto, introduzimos personagens que são guardiões da memória e do passado da região, como uma idosa que narrava como os bois eram marcados. Na cena (imagem 8), escolhemos incluir o boi da troça carnavalesca *O Povo, o Boi e a Cobra* de Adebai Ferreira, que acontece durante o carnaval para enfatizar a cultura popular local e estabelecer uma conexão direta com os bois marcados na história da comunidade.

De acordo com as entrevistas realizadas, ficou evidente que a maioria dos moradores do povoado está ciente das três versões existentes sobre a origem do nome "Cobra". No entanto, muito frequentemente tentam determinar e rotular qual delas é a "verdadeira" história e sabemos que não é realmente necessário esse debate, pois são concepções distintas e complementares. Apesar disso, a maioria reconhece que a versão mais difundida é a relacionada às cangalhas e à cobra gigante, como relatou a professora aposentada e moradora do povoado, Cila, que trabalhou com Paulo Freire em São Paulo, no final da década de 80. Ela era carinhosamente chamada por ele de "conterrânea", por também ser nordestina. Cila sempre gostou de compartilhar suas memórias, pois, assim como Paulo Freire, valorizava a memória local e a transmissão de saberes, destacando a importância da oralidade no diálogo e na aproximação com o conhecimento do outro.



IMAGEM 7

Versão do alto da serra.
Fonte: Acervo pessoal.



IMAGEM 8

Versão dos bois ferrados.
Fonte: Acervo pessoal.



Tem aquela história que o povo daqui gosta de brincar, *num* sei, mas acho que pode ser a verdadeira porque tem lógica, a dos tropeiros que vinham da Paraíba e passavam por aqui. E quando chegaram no pé de planta perto de onde hoje é a casa de Fátima de Fenelô, depois do rio, eles tiraram a cangalha e colocaram em cima de um pau e no outro dia quando acordaram perceberam que não tinha nada porque aquilo não era um pau, mas sim uma cobra (Cila, 2017, n.p.).

Dentro dessa perspectiva, Maurice Halbwachs (1990) considera que a memória individual (nossas lembranças) é relativa a momentos compartilhados com outras pessoas, seja na esfera familiar ou, numa escala ampliada em uma comunidade, cidade ou nação. É possível considerar que a memória individual é uma perspectiva da memória coletiva.

A existência de várias versões sobre a origem do nome Cobra – relacionadas ao formato do rio, marcação de gado e lendas dos tropeiros – revela uma complexidade na construção da memória coletiva. Enquanto os habitantes do Povoado Cobra reconhecem essa designação, há uma tensão entre o registro oficial (Santo Antônio do Rio da Cobra) e a preferência popular, levantando questões sobre autenticidade e autoridade na narrativa histórica. Esse fenômeno ecoa os conceitos de (Pollak, 1989) e (Halbwachs, 1990), que discutem a seletividade da memória como um processo de “negociação” para conciliar memórias individuais e coletivas.

Através das *narrativas (auto)biográficas* dos moradores, especialmente pela memória que se delineia a partir da transmissão oral, é possível explorar memórias individuais que se conectam e constroem uma base comum dessa memória coletiva, afirmativa de uma identidade cultural transformada ao longo do tempo conforme a trajetória percorrida.

Bourdieu (1998) enfatiza que, para compreender uma trajetória, é essencial primeiro construir os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou, considerando o conjunto das relações objetivas que ligam o agente (sujeito) em questão aos demais agentes envolvidos no mesmo campo, confrontados com o mesmo espaço de possibilidades.

Precisamos destacar que a produção dos espetáculos relatados não contou com financiamento formal de nenhum órgão público ou privado. Os grupos, formados pelos próprios alunos e sob minha orientação, realizavam diversas atividades para angariar recursos, como vendas de lanches,



doces, sorteios e bazares em suas respectivas escolas. Esses esforços possibilitaram o custeio dos materiais básicos, mantendo a simplicidade das produções, mas garantindo a viabilidade de levá-las à cena.

O papel das instituições escolares, nesse contexto, foi limitado à disponibilização de espaço para ensaios, alimentação quando os alunos precisavam ficar mais tempo na escola e apoio para atividades, sem que houvesse subsídios financeiros ou outros recursos substanciais. No entanto, o que nos impulsionava, tanto a mim quanto aos alunos, era a oportunidade de expandir os horizontes para além dos muros da escola, permitindo que eles se apresentassem em outros espaços e desenvolvessem sua prática teatral. Como professor, meu principal objetivo era fomentar o ensino do teatro, incentivando os alunos a se engajarem de forma criativa e colaborativa, mesmo com recursos escassos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que os trajetos dos dois projetos artísticos, aqui relacionados, envolvem sujeitos da comunidade local de forma ativa, tendo como objeto de investigação elementos da cultura popular, que circundam regiões do Rio Grande do Norte.

Observa-se que, por um lado, nos processos criativos do espetáculo *O Povo da Cobra*, os estudantes, sob orientação do professor, trabalharam realizando entrevistas e coletando histórias no povoado Santo Antônio da Cobra para a construção da proposta artística, investigando as origens do nome da comunidade, coletando narrativas no intuito de preservar essas tradições. Por outro lado, *A Rixa* remete a questões que configuram a comunidade de Mossoró, utilizando elementos culturais locais para desenvolver a dramaturgia e encenar o espetáculo através do diálogo dos alunos/artistas com a comunidade.



Apesar das diferenças de temática e contexto, tanto *O Povo da Cobra* quanto *A Rixa* compartilham um compromisso com o resgate e a valorização da cultura local através da Arte, utilizando a oralidade, ou seja, as *narrativas (auto)biográficas* e o envolvimento comunitário como pilares centrais de seus processos investigativos e criativos. Ambos os espetáculos, exaltando a cultura popular, utilizam as tradições locais como base e aguçam o senso de pertencimento comunitário nos educandos, que são elementos ativos do processo arte-educativo.

A principal questão, que norteou a pesquisa que lastreou as experiências enfocadas, envolve o campo de estudos narrativos: como preservar e valorizar narrativas que são fundamentais para a identidade local, enquanto se enfrenta o desafio da dispersão dessas tradições devido ao próprio processo de transmissão oral e a falta de registro formal destas? Destaca-se que, apesar disso, as comunidades em questão se reconhecem através da oralidade, sobrepondo-se ao impacto da presença de textos escritos.

Em associação com Ester Jean Langdon (1999), sobre o debate sobre o problema de como fixar a literatura oral para o texto escrito:

[...] Este “fixar” exige, para a análise de literatura oral, uma dupla preocupação em manter fidelidade ao texto linguístico e simultaneamente com a qualidade artística para invocar as sensações poéticas na leitura da tradução. Esta dialética de ser literal e literário permeia os estudos mais atuais sobre narrativa (Langdon, 1999, p.14)

Compreende-se que o que importa de fato nestes processos é o reconhecimento do povo que vive na comunidade e da sua cultura e, assim, o autorreconhecimento por parte dos educandos, que também se sentem pertencentes do mesmo universo. Os membros das comunidades detêm o poder de se reconhecer, legitimando dessa forma os seus próprios valores, independentemente de textos escritos e documentos oficiais. Este reconhecimento se dá através da percepção de uma memória coletiva, que constitui identidade cultural a ser preservada.

É bastante significativo, então, que, independentemente de documentos oficiais, entendimentos ou valores externos, a população da comunidade de Santo Antônio da Cobra ou do Povoado Cobra preferem ser chamados de cobreiros.



Cada estudante/artista vai concebendo sua trajetória no processo, a partir da sua relação com as perguntas norteadoras que movem a criação cênica, estabelecendo relações distintas com os elementos disponíveis nesse laboratório cênico.

As *narrativas (auto)biográficas* surgem no meu processo educacional como elemento, simultaneamente poético e metodológico para a realização das práticas artístico-pedagógicas aqui relatadas. Além da própria função poética dos relatos, eles ampliaram as discussões sobre os temas que apareceram no processo com outras pessoas da cidade a fim de buscar um olhar mais abrangente sobre a cultura.

REFERÊNCIAS

- » BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998: 183-191.
- » CILA, Maria Auxiliadora. **Entrevista concedida a Matheus Giannini Caldas Dantas**. Áudio iPhone 15 min. Entrevista realizada em 27 de junho de 2017. Povoado Cobra, Parelhas-RN
- » DANTAS, Matheus Giannini Caldas. **Narrativas autobiográficas: uma proposta dialógica para o ensino de teatro**. 2019. 80f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Natal, 2019.
- » FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- » HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990. (Capítulo 1, Memória coletiva e memória individual e Capítulo 2, Memória coletiva e memória histórica).
- » LANGDON, Ester Jean. **A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral**. *Horiz. antropol.* [online]. 1999, vol.5, n.12, pp.13-36. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v5n12/0104-7183-ha-5-12-0013.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.



- » MEDEIROS, Maria de Fátima. **Entrevista concedida a Matheus Giannini Caldas Dantas.** Áudio Iphone, 20 min. Entrevista realizada em 27 de junho de 2017. Povoado Cobra, Parelhas-RN.
- » POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989: 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.
- » SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23.ed.rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- » VIEIRA, Marcilio de Souza. **Pastoril: uma educação celebrada no corpo e no riso.** 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciência Social Aplicada. Pós-Graduação em Educação. Natal, 2010.